

# Introdução

Everlam Elias Montibeler<sup>1</sup>



Bem-vindo à 11ª edição da Revista PET Economia UFES!

Em um momento de conflitos urbanos e de profunda tensão social no Rio de Janeiro, a segunda cidade mais populosa do país, e com o Brasil prestes a sediar a 30ª Conferência das Partes (COP30), convidamos o leitor a mergulhar nas últimas produções do grupo PET Economia. Nesta edição, composta por artigos, resenhas e *podcasts*, abordamos temas atuais e, ao mesmo tempo, atemporais, fundamentais para compreender os desafios da sociedade contemporânea — tanto no

contexto brasileiro quanto no cenário internacional. Abrindo esta edição, apresentamos o artigo da professora Dr<sup>a</sup> Renata Couto Moreira, docente do Departamento de Economia da UFES, que traz uma reflexão aprofundada sobre a questão da terra no Brasil.

É uma grande satisfação contar com a presença e a contribuição da professora Renata em uma discussão de tamanha relevância como a da reforma agrária no Brasil, tema no qual o Departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) tem se destacado e contribuído de forma significativa ao longo dos últimos anos.

A parceria entre o Departamento de Economia e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) remonta ao final da década de 1990, período em que ocorreram os primeiros “Estágios de Vivência”. Naquela época, o professor Reinaldo Carcanholo, em conjunto com estudantes do curso de Ciências Econômicas, desenvolvia atividades de formação e assessoria técnica voltadas ao fortalecimento produtivo dos assentamentos do MST situados no norte do estado do Espírito Santo. Nesse mesmo período, eu, então estudante de Economia, e recém-ingresso no PET Economia, tive a honra de integrar a primeira turma do curso de extensão coordenado pelo professor Reinaldo Carcanholo. Durante as férias de 1999, participei de um grupo de cerca de dez estudantes, com quem convivemos por 30 dias em ocupações e assentamentos rurais. Ao longo dessa vivência, realizamos atividades formativas estruturadas em torno de seminários, cujo texto-base foi a obra *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado.

<sup>1</sup> Professor adjunto do Departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e tutor do Programa de Educação Tutorial PET-Economia/UFES.

Além da formação teórica, elaboramos um projeto de viabilidade econômica voltado à criação de uma cooperativa de assentados no município de São Mateus. O principal desafio, naquele contexto, consistia em auxiliar as famílias assentadas na organização coletiva da produção e da comercialização de seus produtos. O grupo de estudantes reunia discentes de diferentes áreas do conhecimento — Pedagogia, Psicologia, Economia, Estatística e Serviço Social —, o que enriqueceu o diálogo interdisciplinar e fortaleceu o caráter formativo, técnico e social da experiência. A valiosa experiência desenvolvida ao longo daquele período produziu impactos significativos na formação acadêmica, política e humana de todos os participantes do projeto de extensão. Essa iniciativa foi aperfeiçoada e replicada nos anos subsequentes, consolidando-se como uma base fundamental para a criação do Programa de Pós-Graduação em Economia Política e Questão Agrária, atualmente coordenado por nossa estimada convidada, professora Renata Couto Moreira.

As edições da *Resenha Econômica* de números 391 a 396 abordam temas variados, que vão desde a Inteligência Artificial até a concessão de parques estaduais no Espírito Santo, refletindo o pensamento amplo e plural existente entre os petianos. Cada texto explora, de forma distinta, os desafios que a sociedade contemporânea precisa enfrentar.

Na resenha “Inteligência Artificial: máquinas ou marionetes?” (nº 391), Kayky Barcelos de Oliveira e Rafael Barbosa Saldanha promovem uma importante discussão sobre a suposta independência das máquinas, especialmente a partir dos avanços da IA, e sobre a imaginável eliminação das relações de trabalho humano nesse novo contexto tecnológico. A resenha “Consumo e Hipermodernidade: o paradoxo contemporâneo” (nº 392), de Ana Carolina de Paula Simões e Carlos Eduardo de Oliveira Tonon, apresenta uma reflexão consistente sobre o advento da hipermodernidade e a consolidação do consumo desmedido, marcado pela exaltação do presente e pela efemeridade das relações sociais. Em “As contradições da concessão dos parques estaduais no Espírito Santo” (nº 393), Arthur Mariano Soares e Gustavo Gomes de Almeida analisam a política de concessão de áreas ambientais à iniciativa privada, evidenciando as tensões entre o discurso da eficiência econômica e a preservação da função social e ecológica dos espaços públicos. Os autores utilizam como estudo de caso o Parque Estadual Paulo César Vinha, que enfrenta problemas como a extração ilegal de areia e carece de intervenção estatal e apoio social para garantir sua preservação. Na resenha “Futebol Contemporâneo: a descaracterização de um esporte” (nº 394), João Henrique da Silva Nascimento e Rafael Barbosa Saldanha exploram a transformação do futebol em um grande negócio global. Eles refletem sobre a captura do futebol — antes símbolo de identidade cultural e expressão popular — que se tornou um bem de consumo e uma fonte de acumulação de riqueza concentrada nas mãos de um restrito grupo de empresários e investidores. O texto “COP30: um museu de grandes novidades” (nº 395), de Gabriela Morozini e Kayky Barcelos de Oliveira, interpreta o evento como “uma expressão de esforço político-ideológico de manutenção de uma harmonização aparente entre a lógica de acumulação capitalista e a sustentabilidade ambiental”. Embora a conferência pareça, à primeira vista, apenas mais uma reunião das grandes potências mundiais, os autores a compreendem como um ponto de partida

para refletirmos, com certa dose de utopia, sobre como cuidar do planeta em um contexto de rápidas mudanças climáticas. Por fim, “Bets: um cassino de velhas armadilhas” (nº 396), de Hemille Barbosa Uchôa e Maria Caneva, analisa o fenômeno contemporâneo das apostas virtuais, caracterizado como uma perigosa combinação de disrupção tecnológica, crimes financeiros e manipulação social. O texto alerta para os impactos econômicos e comportamentais desse novo tipo de entretenimento, que explora vulnerabilidades humanas em nome do lucro digital.

A atividade de *podcast* do PET Economia conta com a participação de convidados especiais que contribuem para enriquecer as reflexões sobre os dilemas do capitalismo contemporâneo, abordando temas que vão desde o problema da moradia, passando pelos limites do desenvolvimento tecnológico, até a relação entre as escolas de samba e a economia nas periferias urbanas. No episódio 61, “A cidade do capital: moradia e espaço urbano em disputa”, Gabriel Matheus Ferreira Santos e João Henrique da Silva Nascimento conversam com o arquiteto e professor Lucas Damm Cuzzuol, que analisa como as cidades foram historicamente forjadas pelas relações econômicas e sociais, evidenciando as contradições entre o direito à moradia e a lógica de valorização do espaço urbano. O episódio 62, “A teoria da reprodução social e as relações de gênero no capitalismo”, apresentado pelas petianas Gabriela Morozini e Hemille Barbosa Uchôa, propõe uma reflexão acerca da teoria da reprodução social, desenvolvida a partir da década de 1970, período em que o feminismo hegemônico ocidental passou a dialogar — nem sempre de forma harmoniosa — com o marxismo, revelando as tensões entre gênero, classe e divisão social do trabalho. No episódio 63, “A questão monetária no capitalismo contemporâneo”, Kayky Barcelos de Oliveira e Maria Caneva apresentam uma reflexão teórica sobre a centralidade do dinheiro e das finanças na economia global contemporânea, discutindo as etapas e metamorfoses da moeda ao longo do processo de desenvolvimento capitalista e seus impactos sobre as dinâmicas de poder e desigualdade. O episódio 64, “As escolas de samba e a economia na periferia”, apresentado por Carlos Eduardo de Oliveira Tonon e Gustavo Gomes de Almeida, tem como convidado o professor Jocelino Júnior, vereador da cidade de Vitória e membro do Instituto Raízes. Sua participação amplia a compreensão sobre o papel das escolas de samba, que ultrapassa a dimensão artística da dança, constituindo-se como expressões de identidade social, cultural e econômica nas periferias urbanas.